

Apresentando o livro de L.O.T.S.

O engano de Édipo, livro de ensaios sobre a prática psicanalítica

por Marta D'Agord

junho 2018

Introdução

Quero chamar a atenção dos futuros leitores para uma palavra desse livro de ensaios: a consistência. O autor trabalha com esse conceito dialogando com o teorema da incompletude na lógica-matemática a partir de Gödel; com a lógica para-consistente a partir de Newton C. da Costa, com a Topologia dos enlaces borromeanos a partir do Seminário R.S.I de Lacan. Além disso, nos lembra que Italo Calvino escreveria um sexto ensaio, que seria a sexta proposta para o próximo milênio, para ser lido em Harvard em 1985. Esse ensaio, já teria título, A Consistência e seria inspirado no Bartleby de Melville.

Mas será que todas essas formas de uso da palavra "consistência" querem dizer a mesma coisa? A resposta será afirmativa se acompanharmos a relação, proposta por L. O. Telles da Silva, entre consistência e a concepção psicanalítica do esquecimento. A amnésia do jovem que antes ficara conhecido como o pequeno Hans é então comparada com o mito de Orfeu. Orfeu estava saindo do inferno trazendo Eurídice, mas não seguiu a lei do inferno que dizia "saia sem olhar para trás", ou seja, esqueça. Nos ensaios psicanalíticos desse livro, o autor promoveu um encontro inaudito entre o psicanalisante, o mito de Orfeu e A Divina Comédia de Dante. Este último dirigiu-se para a saída do inferno dizendo, "vamos olhar as estrelas". A escolha de Dante foi a contemplação do impossível. Orfeu olhou para trás, para o contingente.

A amnésia poderia ser lida como um esquecimento do gozo do Outro, o gozo que não é próprio. A consistência é tornar o que é particular, um impossível particular, um sintoma neurótico, em um impossível como lei para todos. Lei que Édipo desconheceu, por isso se enganou.

O que é consistência? Vamos começar com a lógica-matemática, com o teorema da incompletude de Gödel, segundo esse teorema, um sistema é consistente quando incompleto, isto é, se o fundamento do sistema é exterior ao sistema. Por exemplo, uma regra de formação de um sistema, a regra é anterior ou exterior ao sistema. A ideia de incompletude nos diz de uma abertura ou de uma falta que vai interessar à Psicanálise. Na topologia dos enlaces borromeanos, a consistência é encontrada na regra de formação que diz de dois laços unidos por um terceiro, mas qualquer um dos três laços poderá ser considerado como o terceiro dos outros dois. E essa regra ainda diz que se um dos laços se soltar, os outros dois também estarão soltos.

L.O.T.S. foi muito feliz ao trabalhar esse conceito em 4 ensaios, que são os seguintes: *Da consistência na prática analítica*, que inicia na página 35; *O sublime e o ridículo*, nas páginas 57 a 69; *A corda* nas páginas 74 a 80, e o último texto, *Dois inventos psicanalíticos*, que inicia na página 159 e onde ele consegue de maneira muito ágil nos apresentar a história das reuniões lacanoamericanas de psicanálise e relacioná-las com Calvino e sua sexta proposta para o próximo milênio.

1. A lógica-matemática e a topologia

A consistência em Psicanálise não é a mesma consistência da solidez ou do princípio lógico da não-contradição. L.O.T.S. nos propõe na página 37 que a "A consistência da qual a psicanálise se ocupa não deixa, porém de ser dura e pesada. Esse é o motivo de precisarmos de uma lógica heterodoxa capaz de derrogar a lógica clássica, levando-nos a questionar, por exemplo, a relação entre os conceitos de consistência e completude. Essa lógica se encontra nos teoremas de Gödel: que diz que se o sistema é completo, não é consistente, e se é consistente, não é completo". Eu escrevo assim: a ideia de que a lei que funda um sistema é exterior ao sistema.

L.O.T.S. vai mostrar que Freud já buscava apoio nessa lógica: "É aí que Freud busca apoio para reconhecer, no resultado de uma análise, outra coisa, pois ele não é positivista". (p. 37) Os ensaios tem essa característica de tecer uma relação ainda não proposta, é aqui que encontrei um desses encontros, quando L.O.T.S. articula Gödel e Freud através do caso do pequeno Hans:

A amnésia infantil incluiu os acontecimentos do período de sintomas fóbicos e "tratamento", isto é, as falas do menino reportadas pelo pai a Freud. Freud como um terceiro.

A consistência com a qual a psicanálise trabalha é a do esquecer, diminuição da solidez e torna mais leve o fardo da existência. O que fica menos sólido e mais leve, algo de perfuração, diluição?

E de onde vem esse peso? Da realidade fantasmática, sempre particular.... L.O.T.S. nos ensina que, na inexistência da relação sexual, é preciso salientar o artigo definido singular: é essa singular e fantasmática relação sexual que não existe, sua inexistência é condição das relações sexuais.

Mas L.O.T.S. vai além e nos apresenta excertos do Seminário 22.

"Tomemos a topologia para ver o modo como a consistência serve de suporte para a prática psicanalítica: a consistência é o que possibilita o enodamento dos registros do Real, do Simbólico e do Imaginário, e isso de diversas maneiras:

L.O.T.S. nos ensina então a proceder uma oposição entre *ex-sistência* e *consistência*.

Na página 62 temos: "O importante é que cada um dos registros está na mesma relação com os dois outros. Isso parece ser o fundamental da consistência, pois se tomarmos em conta sua raiz etimológica, encontramos sua origem no latim, através da conjunção de *sistere* (uma indicação de lugar, de posição, de ocupação espacial), com a proposição *cum* (com). Isso quer dizer que a consistência implica uma posição, um lugar em um espaço, junto a alguma outra coisa que a requer para sua sustentação. Retire-se um dos anéis e os outros dois não se sustentam. Por outro lado, a *ex-sistência* parece resultar da disjunção provocada pelo traço de união interposto entre *sistere* e *ex*. A apódose comum define uma relação: a *ex-sistência* se define por relação a uma determinada consistência. A *ex-sistência* não é, no final das contas, senão este fora que não é um não-dentro. (RSI, Lição 14 janeiro 75). De modo que nos espaços criados por esses enodamentos - pois o que caracteriza um nó é o fato de as cordas se cruzarem - vamos encontrar, como *ex-sistindo* ao Real, um efeito de sentido. Freud tenta esburacar o Real do recalçamento originário.

Há então uma bela definição onde L.O.T.S. nos brinca com seu humor: A ópera do fantasma é a criação da realidade...invenção de uma realidade. E que depois será relacionada com o estilo na página 124. Assim que podemos tomar as estruturas clínicas como estruturas de estilo, de tal modo que as estruturas clínicas aparecem como uma solução original do sujeito frente às dificuldades encontradas em seu enfrentamento com o mundo. Não podemos de deixar de destacar a distinção entre mundo e realidade.

A consistência do enlace borromeano é isso que faz corda, (isto é, a reta infinita). A reta infinita é consistente pois é nela não há diferença entre interior e exterior. Em um toro, foi preciso nomear de lugar êxtimo essa não diferença. Ou seja, o gozo não se refere a um interior, o gozo é tão interior como o sentido.

Nos enlaces borromeanos planejados, L.O.T.S. nos mostra a reta do Real funcionando como divisor de águas entre gozo e sentido. Ou seja, somente planejando, foi possível visualizar, separar o que é efeito do Real e o que é efeito do Imaginário. Pois na experiência comum isso não se depreende intuitivamente.

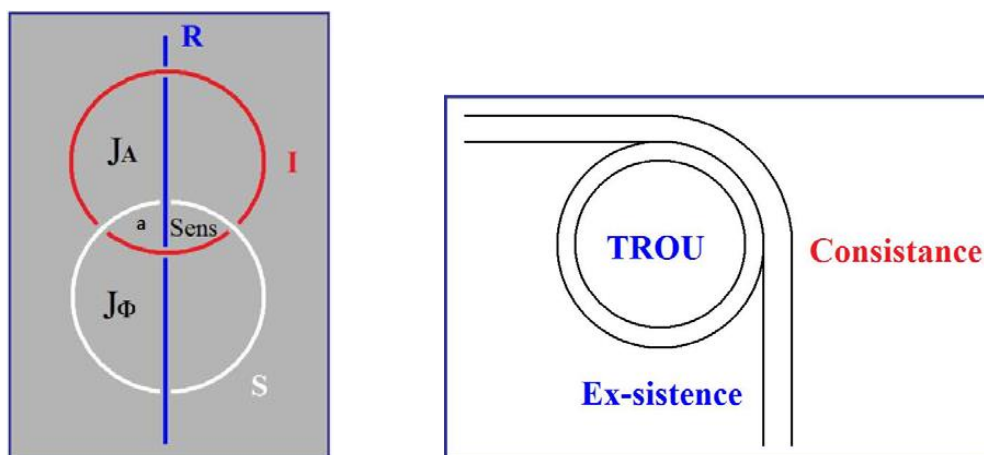
Retificando um dos anéis, o Real, veremos que ele funciona como um divisor de águas entre os sentidos e o gozos. Enquanto o sentido fica colocado em uma relação de **exterioridade** ao Real, na intersecção do Simbólico com o Imaginário, os gozos (do Outro, JA) e fálico ($J\Phi$), incluído o mais-de-gozar (a), ficam **subscritos (sob)** ao Real. O gozo como repetição alienante no inferno.

E aqui uma segunda vez o ensaio psicanalítico vem produzir esse encontro inesperado, o encontro aqui é entre o psicanalisante, o mito de Orfeu e A Divina Comédia de Dante. Orfeu deveria seguir as leis do inferno, não olhar para trás, esquecer. Dante persegue o valor do impossível, ao dizer, saindo do inferno, vamos olhar as estrelas. A escolha de Dante: a contemplação do impossível, as estrelas. Orfeu olha o contingente. (p. 47-48). Orfeu se manteve no gozo, não conseguiu esquecer.

E aqui voltamos ao esquecimento em Psicanálise. A amnésia do pequeno Hans como um esquecimento do gozo do Outro, o gozo que não era seu mas desde o qual ele estava.

A consistência é tornar o que é particular, um impossível particular, em um impossível como lei. Para todos. Nesse para todos que Édipo também se enganou.

Dante esqueceu, o pequeno Hans esqueceu.



O título do último ensaio é "Dois inventos psicanalíticos", quais seriam os 2 inventos? A reunião lacanoamericana em 1985 e a Convergência em 2001, essa última pretende aproximar mais ainda americanos e europeus, assim como tornar **mais permanentes as conquistas** das reuniões lacanoamericanas.

Mas L.O.T.S. é sutil ao tomar esses objetivos manifestos de permanência. A psicanálise nos tem ensinado que as aparências enganam, e, também, o valor da denegação para conhecer nossos desejos.(p. 162)

Nos encontros da Convergência, o autor já não lerá seu trabalho frente ao público; um relator comentá-lo-á junto com outros textos...Em todo o caso, pensei que alguns pontos não deveriam ser desconsiderados...os pontos a que me refiro foram sugeridos por Italo Calvino....(leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade)

O que se quer mais permanente das reuniões lacanoamericanas? Seria a leitura pelo próprio autor de seu texto escrito? Seria o próprio escrito do autor que ganhará mais permanência ao ser agora comentado, interpretado? Qual a diferença entre a reunião em que o psicanalista lê seu trabalho para colegas, um para muitos. Ou seja, é autor e leitor. Na Convergência, um comentarista leu previamente os trabalhos de alguns colegas (muitos para um, em que o um é o leitor mas não o autor).

L.O.T.S. contextualiza essa diferença a partir do texto *O que é um autor?* de Foucault onde se problematiza a interpretação: A releitura do texto de Freud modifica a própria psicanálise. Isso significa que estamos no campo da interpretação e que o movimento de retorno implica já não ser suficiente saber o nome do autor do texto para dizer de seu valor. É importante pensar as condições do espaço onde o texto se dispersa, mas também o tempo em que ele se desloca. (p. 161)

Calvino morreu antes de escrever aquela que seria a sua última proposta, a sexta conferência. Segundo relato da esposa, a sexta conferência americana se chamaria *Consistência* e em relação a esse tema ele havia se referido ao *Bartleby* de Melville.

L.O.T.S. propõe uma interpretação psicanalítica para a relação entre o *Bartleby* e a consistência: a última proposta foi a que tomou em consideração a consistência, como se ela fosse amarrar todas as outras, dar-lhes o tope final. Um Calvino lacaniano pois mostra reconhecer que Melville se dá conta de que na vida em si não se pode tocar.

(1) Dado que Melville diz do personagem *Bartleby*: eu acredito que não há nenhum material para uma completa e satisfatória biografia desse homem. *Bartleby* era um desses seres de quem nada é determinável, exceto pelas fontes originais e no caso dele são muito poucas. Melville se dá conta de que na vida em si não se pode tocar. Há por aí uma impossibilidade lógica.

(2) Quando pensávamos que com a consistência ele viria com algo sólido, de peso, tudo ao contrário; a leveza e o vago. *Isso a rigor não nos surpreende, pois sabemos a importância do engano para dizer a verdade. O que o sujeito deseja, apresenta-se como aquilo que ele não quer (Lacan).*

(3) E para mim pareceu ainda amais interessante porque a **consistência é o recurso lógico** que possibilita a Lacan enodar os registros do Real, do simbólico e do Imaginário.

(4) *A escolha de Bartleby, por parte de Calvino, leva-me a pensar em um arremate. Nossa ignorância sobre a vida de Bartleby bem pode representar a sua posição, ao final de sua própria vida: não há como saber! Fora uns poucos detalhes, não há como saber. Sobre Bartleby, fora uns poucos detalhes, não há como saber.* (p. 167)

Há um saber no Real? Um saber que não se sabe.

A consistência também pode ser tratada através da metáfora freudiana da rocha e a da metáfora lacaniana do cinzel

A rocha da castração, a repressão. Esburacar a rocha com lógica e topologia. O objeto responsável pelo Barramento do sujeito, esse objeto que o sujeito busca, cuja criação, demonstrada pelas voltas da demanda em torno da alma de um toro (percurso da demanda na alma de um toro), é logo deslocada para o espaço central formado pelos 3 anéis de barbantes representando o enlaçamento R, S, I. (p. 76)

A ideia é que, com esses recursos lógicos, se possa esburacar a rocha da castração. A repressão é uma repressão primeira para que outras possam vir, está sempre aí, e porque está sempre aí, Lacan a situa no registro do Real, no registro do impossível lógico, de modo tal que ela não para de não se escrever.

O espaço onde aparece a eficácia do simbólico, o cinzel, é no limite do Real, fazer a borda no Real, é fazer um corte, um esburacamento no Real. O gozo do Outro (JA) seria então transformado em furo, uma fenda que permite reconhecer um sintoma.(p. 79)

Se o buraco fosse no limite entre Simbólico e Imaginário seria produção de mais sentido, de mais saber. Seria o *furor curandis*. Ora, o que é o algo duro como uma rocha? Um saber sabido. Mas quando é "ocupado pelo desejo do analista", trata-se da atenção flutuante aos *stouqueion*, à ação cinzeladora dos significantes, os corpóreos, eis a materialidade do significante da qual foi extraído o gozo, na medida em que o cinzel produziria um esburacamento no Real.